

La Comédiathèque

Uma aldeia tão bonita

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto se ofrece gratuitamente para su lectura.
Antes de cualquier utilización pública, profesional o amateur, deberá
obtenerse la [autorización del autor](#).**

Uma aldeia tão bonita

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A aldeia de Castelvelho ficará amanhã submersa pelas águas de uma barragem. Todos os seus habitantes foram evacuados. Os vivos... e também os mortos. É então que uma descoberta macabra volta a despertar suspeitas em torno de um misterioso caso que se julgava enterrado para sempre. Na véspera do seu desaparecimento, esta aldeia ainda não revelou todos os seus segredos...

Elenco

Luísa: presidente da Câmara Municipal

Dani: vice-presidente da Câmara

Cris: dona do bar

Tomás: pároco da aldeia

Toni: agricultora

Alex: diretora da agência funerária

Manuel: chefe de projeto da barragem

Sam: jornalista

Elencos possíveis:

3H/5M, 4H/4M, 5H/3M, 6H/2M, 7H/1M, 8H

*À exceção do chefe de projeto e do pároco, que são homens,
as personagens podem ser indistintamente masculinas ou femininas.
Nesta versão, todas as personagens de sexo indiferente são mulheres.*

O bar da aldeia de Castelveelho. Atrás do balcão, Cris, a dona, seca uns copos com o olhar perdido. É uma mulher de cerca de sessenta anos, de aspeto algo masculino. O padre Tomás, apoiado ao balcão, acaba o seu copo de vinho tinto.

Cris – Sirvo-lhe outro, padre?

Tomás – Vá lá...

Cris – Acredite, é melhor do que o vinho da missa...

Tomás – E a senhora como é que sabe? Nunca a vejo na missa...

Cris – Se eu fosse à igreja, quem tomava conta do bar?

Tomás – Tem razão. De certo modo, repartimos o trabalho. Eu trato dos bons cristãos e a senhora das ovelhas tresmalhadas...

Cris enche o copo do padre.

Cris – Pelo menos, isto os alemães não nos tiram.

Tomás – Os alemães?

Cris – Os da empresa que está a construir a barragem! Ao que parece, é um grupo alemão.

Tomás – Ao que parece...? Quando se quer matar o cão, diz-se que está raivoso...

Cris – Pois este cão é um pastor-alemão, digo-lho eu...

Tomás – Alemão ou não... Que diferença faz?

Cris – Primeiro vieram de férias e começaram a comprar-nos as casas. Agora vêm com as escavadoras para as afundar debaixo de toneladas de água!

Tomás – É muito triste, tudo isto. Mas também não a vimos nas reuniões. E não assinou a petição...

Cris – Eu? Não posso incompatibilizar-me com metade dos meus clientes. Por isso sou como os suíços: neutral. Mas isso não me impede de ter a minha própria opinião...

Pausa.

Tomás – E o que vai fazer agora?

Cris – Levei este bar toda a minha vida... Não me vejo a começar do zero. Indemnizaram-me bastante bem. Vou aproveitar para me reformar. Afinal de contas, já tenho idade para isso...

Tomás – Então terá tempo para vir à missa...

Cris – À sua igreja nova, com certeza que não.

Tomás – Não pensa instalar-se na aldeia nova?

Cris – Sempre vivi aqui. Não me vejo a mudar-me para dez quilómetros daqui, para uma aldeia acabada de construir que, ainda por cima, tem o mesmo nome que esta. Não, não creio que fique pela zona.

Tomás – Compreendo...

Cris – E quanto a ir à missa... A Igreja nem sempre foi muito compreensiva com mulheres como eu...

Tomás – Mulheres como a senhora...?

Entra Dani, a primeira adjunta. É uma mulher de aspeto cuidado, embora um tanto empertigado. A sua idade é indiferente.

Dani – Bom dia, Cris. Padre Tomás...

Cris – Senhora vice-presidente...

Dani – Sou a primeira?

Cris – Pois não, porque eu já cá estava. E o senhor padre também...

Dani – Desculpa. Eu queria dizer...

Cris – Ah, sim, eu sei. Eu faço parte da mobília.

Dani – Eu diria antes que és todo um monumento, Cris.

Cris – Sim, um monumento histórico. Uma obra-prima em perigo, até.

Tomás – Como a nossa pobre igreja...

Dani – Tu és a memória desta aldeia, Cris. E o senhor também, padre Tomás.

Cris – Uma memória já bastante deteriorada... e que em breve se apagará por completo.

Dani – É verdade que tu também deves ter ouvido de tudo ao longo destes anos, Cris.

Cris – Nem imaginas... Mas, como o senhor padre, sou obrigada a guardar o segredo da confissão. O que te sirvo, Dani?

Dani – Um anisete. Com pouca água.

Cris – Água... Dentro de alguns dias, a aldeia inteira ficará afogada em água, como um vulgar anisete... E não se pode dizer que na Câmara tenham feito grande coisa para o evitar...

Dani – Isso não é verdade, Cris. E é um pouco injusto dizeres isso...

Cris – Há trinta anos, o presidente da Câmara conseguiu salvar a aldeia.

Dani – Eram outros tempos. O petróleo corria a rodos. As minas de carvão trabalhavam a todo o vapor. Hoje, com o aquecimento global, a política energética mudou...

Cris – E é por isso que temos de aceitar, sem dizer nada, que apaguem a nossa aldeia do mapa?

Dani – Os ecologistas acusavam o Governo de não fazer nada para reduzir as emissões de carbono... Agora que se estão a tomar medidas drásticas para as reduzir, censuram-nos por pormos em perigo algumas espécies protegidas.

Cris – Espécies protegidas...? E a nós, quem nos protege?

Dani – Se for preciso sacrificar algumas aldeias para salvar o planeta...

Tomás – E dinamitar uma igreja do século XII, classificada como monumento histórico...?

Dani – Não nos deixaram outra opção, e o senhor sabe disso. É uma decisão que vem de muito alto.

Cris – Pois, claro... De ainda mais alto do que o seu chefe, senhor padre.

Tomás – Enfim, se é para salvar o planeta...

Cris – E aposto que alguns vão tirar proveito disso, como sempre.

Dani – Isso é um processo de intenções, Cris. Não vais começar tu também...

Tomás – É verdade... Eu julgava que a senhora era neutral...

Cris – Dentro de alguns dias, neste bar só se servirá água, e será às carpas e aos lúcios. Achas que ainda me preocupa perder clientes?

Entra Luísa, a presidente da Câmara. É uma mulher de cerca de trinta anos, de elegância aristocrática.

Cris – Ah, senhora presidente. Estávamos precisamente a falar de si...

Luísa – Bom dia a todos... Esperava que fôssemos um pouco mais numerosos nesta última reunião... Mas compreendo que alguns não tenham tido coragem de vir.

Cris – A verdade é que realizar uma reunião da Câmara num bar para oficializar o desaparecimento da aldeia não é coisa que se veja todos os dias.

Luísa – Não é exatamente uma reunião da Câmara. Infelizmente, todas as decisões já estão tomadas... Isto seria antes...

Entra Toni, agricultora entre os trinta e os quarenta anos.

Toni – Uma festa de despedida?

Tomás – Bom dia, Toni.

Luísa – Além disso, também não se pode dizer que o município vá desaparecer. Castelvêlo continuará a existir.

Cris (*irónica*) – Sim... Com o nome de... Castelnovo.

Toni – Castelnovo... Que prodígio de imaginação...

Dani – Recordo-lhe que o novo nome da aldeia foi debatido numa reunião da Câmara e aprovado por votação.

Tomás – Eu preferia São Salvador de Castelvelho, já que é esse o nome da nossa igreja, mas disseram-me que soava demasiado religioso para o nome oficial de um município.

Cris – E, além disso, chamar São Salvador à aldeia que vai substituir outra que ficará submersa sob as águas de uma albufeira... A alguns poderia parecer-lhes bastante irónico.

Toni – Sim, estamos muito longe de Moisés salvo das águas...

Tomás – De certo modo, a aldeia foi salva, pois renascerá rio acima...

Cris (*irónica*) – Pois... Visto assim, quase poderíamos falar de um milagre...

Luísa – A sua paróquia também não desaparecerá, padre. Terá uma igreja completamente nova. E serão os mesmos sinos que repicarão no campanário.

Toni – Bom... Se já está tudo decidido, para que estamos aqui exatamente? Todos os habitantes foram evacuados. Amanhã vão demolir todos os edifícios e o que restar da aldeia será engolido pelas águas.

Luísa – Sei que te opunhas a este projeto, Toni. No início eu também não era a favor, e tu sabes disso.

Toni – Todas as minhas terras ficam em redor da aldeia. Ficarão inundadas com ela. Boas terras, que o meu pai já cultivava e que durante séculos nos deram frutos magníficos...

Luísa – Tenho plena consciência do trauma que isto representa para ti... e para muitos outros.

Toni – Mas, por uma dessas casualidades milagrosas, as tuas terras ficam rio acima...

Dani – E então?

Toni – Dentro de algumas semanas, em vez de ficarem debaixo de água, estarão nas margens de um lago... Já duplicaram de valor e, quem sabe... Talvez amanhã, por uma simples decisão da presidente da Câmara, ou seja, tua, passem a ser terrenos urbanizáveis...

Luísa – Estás a insinuar que apoiei este projeto por interesse pessoal?

Toni – O que é certo é que começaste a comprar essas terras muito antes de este novo projeto de barragem se tornar público. Ou tens um faro extraordinário para os negócios, ou tiveste acesso a informação privilegiada antes de toda a gente. E, nesse caso, poderias ter cometido um crime.

Tomás – Vamos, acalmem-se as duas. Ninguém desejava o desaparecimento desta aldeia.

Luísa – O meu pai, que me antecedeu na presidência da Câmara, já salvou esta aldeia de ficar submersa há cerca de trinta anos. A minha família não tem de aceitar lições da tua sobre este assunto, Toni.

Dani – Nessa altura ganhámos uma batalha. Infelizmente, agora acabámos de perder a guerra. Por isso, em vez de desperdiçarmos as nossas forças numa luta perdida de antemão, o importante é salvar tudo o que for possível e olhar para o futuro.

Toni – E o nosso futuro consiste em viver numa urbanização nova, enquanto uma aldeia carregada de história, a nossa aldeia, a aldeia dos nossos antepassados, desaparece do mapa?

Dani – Não fazemos mais do que cumprir uma decisão judicial.

Luísa – Uma decisão que, devido à nossa firme oposição, recorreremos até ao Supremo Tribunal. Esgotámos todas as vias legais. Por isso, estar a favor ou contra... já não faz sentido. Agora devemos manter-nos unidos para enfrentar esta dolorosa transição da melhor forma possível...

Entra Manuel, o diretor do projeto de construção da barragem. É um homem de cerca de sessenta anos, de aspeto desportivo. Todos os presentes parecem um tanto surpreendidos.

Manuel – Bom dia a todos...

Toni – Falando do diabo...

Luísa – Bom dia, Manuel. Obrigada por ter aceitado o nosso convite. Não era obrigado a vir...

Manuel – Não quis fugir às minhas responsabilidades.

Cris – Como se costuma dizer... O assassino volta sempre ao local do crime. Embora da primeira vez a vítima tenha conseguido escapar-lhe, não foi, senhor Nobre...?

Dani – Parece-me que há um certo duplo sentido nesse comentário...

Manuel – Quando se colocou o primeiro projeto de barragem, eu já participei nos estudos preliminares, como jovem engenheiro.

Cris – E agora é o diretor do projeto...

Manuel – Isso foi há trinta anos... Ou não mudei nada, o que seria muito lisonjeiro para mim, ou a senhora tem uma memória prodigiosa para fisionomias.

Cris – Sou dona de um bar... O senhor vinha aqui muitas vezes. Lembro-me de que bebia sempre uma gasosa com groselha. O que lhe sirvo?

Manuel – O mesmo...

Cris procura qualquer coisa atrás do balcão.

Toni – Gasosa com groselha... Ao menos soube conservar a sua alma de criança...

Cris – Não me diga que, quando era pequeno, já sonhava submergir o planeta debaixo de água, como Deus Pai com o dilúvio...

Manuel – Estou disposto a responder a todas as vossas perguntas, se ainda tiverem alguma.

Um momento de desconforto.

Manuel – Mas, se a minha presença não é bem-vinda, também compreenderei. Basta dizerem...

Toni – Reconheço que coragem não lhe falta. Ou descaramento, conforme o ponto de vista... Mas, agora que está aqui...

Cris – Lamento, já não tenho groselha. Nem gasosa. Então, o que vai beber?

Toni – Champanhe...?

Manuel – Um sumo de fruta. O que tiver...

Cris – Sumo de maçã...? É de uma pequena produtora local...

Cris serve-lhe um sumo de maçã.

Toni – A pequena produtora local sou eu.

Manuel – Já tinha percebido.

Toni – Então aproveite, porque não voltará a bebê-lo durante muito tempo.

Dani – Já chega, Toni. Este senhor não tem culpa de tudo isto. É o diretor do projeto, mas não é ele quem toma as decisões políticas.

Toni – Mas será o senhor quem acenderá o rastilho da dinamite e abrirá de par em par as comportas para submergir definitivamente sob as águas as ruínas da nossa aldeia.

Manuel – Não diretamente, mas... sim, serei eu a dar a ordem. Isso não me dará nenhuma satisfação, mas assumo essa responsabilidade. Esta barragem produzirá a eletricidade necessária para abastecer uma cidade de cinquenta mil habitantes, com uma pegada de carbono praticamente nula. Todos devemos mobilizar-nos para lutar contra um aquecimento global que está a levar o nosso mundo à perdição. E, para o conseguir, todos teremos de fazer sacrifícios.

Toni – Mas alguns terão de fazer mais sacrifícios do que outros.

Dani – É aquilo a que se chama o interesse geral.

Toni – O interesse geral... significa que os pequenos acabam sempre por pagar as barbaridades dos grandes. Eu não sou mais do que uma pequena produtora biológica. Há anos que utilizo energia solar e veículos elétricos. Eu já fiz a minha parte para salvar o planeta. Em contrapartida, o seu chefe, antes de se pôr à frente do grupo alemão para o qual o senhor trabalha, dirigiu a TotalEnergies. É verdade ou não?

Manuel – É verdade.

Toni – Passou a vida a promover os combustíveis fósseis e agora converte-se à energia hidráulica e às energias limpas. Porquê? Porque serão as que mais dinheiro darão nos próximos anos. Deixe de se armar em herói, senhor Nobre. O senhor não está aqui para salvar o mundo, mas para salvar os dividendos dos acionistas do seu grupo.

Manuel – Vai surpreendê-la, mas... estou de acordo consigo. Infelizmente, é preciso ser realista. Não serão os sonhadores que salvarão o planeta. Para que a ecologia fosse realmente levada a sério, tinha de se tornar um negócio rentável. Agora é, e só podemos alegrar-nos com isso...

Entra Sam. É uma mulher de cerca de trinta anos — uns mais, uns menos —, vestida de forma um tanto excêntrica.

Sam – Bom dia a todos... Espero não estar a incomodar...

A presidente da Câmara parece surpreendida.

Luísa – Depende... Quem é a senhora?

Sam – Sam Valadares, jornalista do *Diário de Notícias*.

Cris – *Diário de Notícias*... Ainda existe?

Luísa – Não me lembro de ter convocado a imprensa...

Volta-se para a sua primeira adjunta com ar de censura.

Dani – Eu não tive nada que ver com isso, garanto-lhe...

Toni – Ela contactou-me há alguns dias, na minha qualidade de vereadora responsável pela comunicação... Fui eu que lhe pedi que viesse.

Luísa – Podias ter-nos falado disso...

Toni – Parecia-me necessário que houvesse uma testemunha oficial para deixar registo desta cerimónia fúnebre. Afinal, hoje estamos a enterrar a nossa aldeia... Alguém tem de contar este triste acontecimento para que as gerações futuras saibam o que realmente aconteceu aqui...

Sam – Sei que todos estão a atravessar um momento difícil. Procurarei ser discreta, não se preocupem.

Cris – Uma jornalista discreta... Isso sim, seria uma novidade...

Sam – Por favor, façam como se eu não estivesse aqui.

Luísa prefere ignorar Sam e retoma a conversa onde a tinha deixado, dirigindo-se a Manuel.

Luísa – Todos sabemos que está a fazer tudo o que pode para que tudo corra da melhor forma possível, Manuel... e agradecemos-lhe por isso. Então, em que ponto estamos?

Manuel – Está tudo preparado para iniciar o enchimento da albufeira. Os elementos arquitetónicos e os objetos de valor que podiam ser transportados foram transferidos para um lugar seguro.

Tomás – Entre eles, os sinos da igreja, os vitrais, as pinturas...

Luísa – E a estátua de Afonso?

Sam parece surpreendida.

Sam – Afonso? O rei?

Toni – Afonso De Fontes. O pai de Luísa e seu antecessor na presidência da Câmara. Não fundou Portugal, mas... salvou a nossa aldeia de um primeiro projeto de inundação, há cerca de trinta anos...

Manuel – A estátua e o seu pedestal serão transferidos amanhã logo pela manhã.

Luísa – E todos os habitantes foram evacuados?

Manuel – Absolutamente todos... Todos os vivos, pelo menos...

Sam – Os vivos?

Tomás – Não vamos deixar que os nossos mortos fiquem sepultados pela segunda vez sob as águas. Também é preciso abrir as campas e transferir os restos mortais para o cemitério da nova aldeia.

Sam – Ora bem... Isto parece *A Noite dos Mortos-Vivos*...

Dani – Ainda bem que nos prometeu ser discreta...

Luísa – A agência funerária está encarregada desta delicada operação. A propósito, como vão as coisas desse lado?

Dani – A diretora da agência funerária telefonou-me há pouco. Queria assistir à nossa reunião para nos informar de um problema delicado.

Luísa – Um problema? Que problema?

Dani – Não me disse. Queria explicar-nos pessoalmente. Ah, precisamente, aqui está ela...

Entra Alex, a diretora da agência funerária. É uma mulher de cerca de quarenta anos, vestida com austera elegância.

Luísa – Ah, senhora Ventura... Não esperávamos vê-la aqui esta noite...

Toni – Afinal de contas, uma vez que viemos despedir-nos para sempre da nossa aldeia, a presença de uma representante da agência funerária parece-me mais do que apropriada.

Alex – Boa noite a todos e... em nome da Funerária Ventura, permitam-me apresentar-vos as minhas mais sentidas condolências.

Tomás – As suas condolências...?

Alex – Desculpem, é o hábito. Queria dizer...

Luísa – Creio que já conhece toda a gente...

Alex – Trabalho em coordenação com o senhor Nobre para a transferência dos restos mortais. E, no que diz respeito à nossa aldeia, creio poder dizer que conheço todas as famílias que aqui vivem. Já sabem, mais cedo ou mais tarde, toda a gente acaba por precisar dos nossos serviços...

Luísa – Claro... E... creio que queria informar-nos de um pequeno problema...

Alex – Exatamente... Um... pequeno problema.

Luísa – Estou a ouvi-la...

Alex – Poderia falar um momento consigo em privado, senhora presidente?

Toni – Nesta altura, não creio que faça sentido continuar a esconder informações importantes dos habitantes. Portanto, nada de segredos de confissão, não é, padre Tomás?

Tomás – Infelizmente, que poderia acontecer-nos de pior do que aquilo que nos está a acontecer hoje...?

Alex – Lamentavelmente, pela minha profissão... a experiência ensinou-me que, mesmo quando alguém julga ter batido no fundo, pode sempre cair ainda mais baixo. Basta continuar a cavar...

Os outros ficam por um instante perplexos perante aquele comentário inesperado.

Toni – A cavar...?

Luísa – Pode falar, senhora Ventura. Estamos a ouvi-la.

Alex – Muito bem... Tenho uma boa notícia e uma má...

Dani – Agradecia-lhe que nos poupasse a esse género de frases feitas, senhora Ventura... Vá direta ao assunto, por favor.

Cris – Embora, na boca de alguém que dirige uma agência funerária, isso de uma boa notícia não deixe de despertar alguma curiosidade...

Alex – Como sabem, estamos encarregados da transferência dos restos mortais do antigo cemitério para o da nova aldeia.

Dani – Sim, já nos disse isso várias vezes...

Luísa – E levou a bom termo essa delicada operação, senhora Ventura. Suponho que essa era a boa notícia.

Alex – Até agora, tudo tinha decorrido normalmente, sim. Mas...

Tomás – Mas...?

Alex – Acabámos de deparar-nos com uma dificuldade imprevista.

Luísa – Não me diga que falta algum dos nossos queridos defuntos...

Alex – Na verdade... seria antes o contrário.

Toni – O contrário?

Alex – Se nos ativermos aos registos oficiais... temos um morto a mais.

Estupefação geral.

Sam – Acho que, afinal, fiz bem em vir...

Manuel – Um morto a mais?

Alex – Uns restos mortais... que não constam de nenhum dos registos do cemitério.

Silêncio incómodo.

Sam – Curiosamente, não parece que isto vos surpreenda muito...

Dani – Afinal de contas, é um cemitério muito antigo. Não é assim, padre?

Tomás – A igreja data da Idade Média. E certamente o cemitério será ainda mais antigo.

Dani – Não há nada de estranho em não se saber o número exato de pessoas ali enterradas há mais de mil anos...

Alex – Certo, mas, neste caso... o corpo apareceu sob a laje de um panteão bastante recente. O que leva a supor que o enterro também é recente.

Manuel – Um panteão? Um panteão familiar, então.

Alex – Exatamente.

Toni – Mas de que família?

Alex volta-se para Luísa.

Alex – Trata-se... do panteão da família De Fontes, senhora presidente.

A presidente acusa o golpe.

Cris – Ah, sim, isto já... parece o início de um romance policial...

Sam – Ou de um filme de terror... Acho que isto vai interessar muito aos nossos leitores...

Dani – Por enquanto, tudo isto deve manter-se na mais estrita confidencialidade, não é verdade?

Silêncio.

Toni – Não diz nada, senhora presidente...

Luísa – Estou em choque, como todos vós.

Sam – Mas... trata-se do seu panteão familiar. Não sabia de nada?

Luísa – Se eu sabia de alguma coisa? Claro que não! Pelo que me lembro, esse panteão foi construído há cerca de cinquenta anos...

Alex – Cinquenta e três, exatamente.

Luísa – Que eu saiba, só os meus avós paternos e o meu pai foram sepultados neste cemitério.

Alex – É isso, de facto, que indicam os registos... Aliás, se as obras para transferir este panteão não tivessem começado, essa campa anónima teria provavelmente permanecido escondida para sempre.

Cris – É verdade que, curiosamente... um cemitério é o último lugar onde nos lembramos de procurar o cadáver de uma pessoa desaparecida...

Toni – Sim... Para um assassino, afinal, é o lugar ideal para esconder o corpo da sua vítima.

Manuel – Então, se bem entendi, estes restos mortais foram sepultados à margem de qualquer procedimento legal.

Alex – Sim, tudo parece indicá-lo.

Sam – Tem a certeza absoluta?

Alex – Verifiquei. Foi a nossa empresa que construiu este panteão, quando ainda era o meu pai quem a dirigia. Se já houvesse um corpo por baixo nessa altura, tê-lo-íamos descoberto ao escavar os alicerces.

Manuel – Com efeito, é um contratempo.

Toni – Um contratempo...?

Manuel – De um ponto de vista estritamente material, isto poderia atrasar a conclusão do projeto.

Toni – Compreendo que o senhor só pense no enchimento da sua albufeira, mas esta descoberta macabra tem muitas outras implicações, não?

Dani – Sem dúvida...

Toni – Mas vejamos... Foi descoberto um cadáver. Enterrado clandestinamente há, no máximo, cinquenta anos. Talvez muito menos.

Alex – Segundo as nossas primeiras observações, a morte não parece muito recente. Mas, naturalmente, teria de ser a polícia científica a pronunciar-se...

Manuel – Em todo o caso, se há um cadáver, provavelmente há um crime, não? Quero dizer... se nenhum médico passou uma certidão de óbito e nenhum óbito foi inscrito no Registo Civil...

Toni – Parece-me evidente. Por que razão esconder um cadáver, se não se tem nada a esconder?

Alex – Neste momento, trata-se apenas de restos mortais não identificados. Enquanto diretora da agência funerária encarregada da transferência dos restos mortais, eu tinha a obrigação de informar desta anomalia. Mas a minha competência termina aqui. Caberá à polícia, se for informada, analisar todos estes elementos e levar a cabo uma investigação.

Sam – Se for informada? Mas, vejamos... como poderiam não avisar a polícia?

Manuel – É verdade que esta descoberta levanta uma série de interrogações.

Toni – Quem é esta pessoa?

Cris – Como morreu?

Manuel – Quando?

Toni – Se se trata realmente de um crime, quem a matou? E porquê?

Alex – Evidentemente... O meu dever limita-se a avisar-vos de que, se for aberta uma investigação, isso atrasará, de facto, o enchimento da albufeira.

Manuel – Sem dúvida...

Alex – O cemitério poderia tornar-se uma cena de crime. Seria preciso realizar novas escavações. Recolher amostras. Fazer análises...

Uma pausa.

Dani – Em suma, este cadáver vem à luz no momento mais oportuno para os opositores à albufeira.

Toni – O que está a insinuar?

Dani – E se fosse uma manobra de última hora para atrasar a execução do projeto?

Toni – Muito bem... Aparece um cadáver desconhecido escondido no panteão familiar dos De Fontes, e afinal tudo seria uma encenação dos opositores à albufeira? Não invertamos os papéis, por favor! Neste momento, quem está no centro das atenções é a senhora, senhora presidente.

Luísa – Perdão?

Toni – Estamos a falar do panteão da sua família, não estamos?

Alex – Não nos precipitemos, por favor. Por enquanto, não sabemos nada ao certo. Mas é verdade que a descoberta destes restos mortais levanta uma série de interrogações.

Manuel – Interrogações que será preciso esclarecer quanto antes, porque o tempo urge...

Toni – O que há para esclarecer? É preciso avisar a polícia, ponto final.

Dani – Sim, enfim... Também não há assim tanta pressa... Estes restos estão ali há décadas. Podemos ao menos tirar uns minutos para falar sobre isso.

Toni – Então propõe que não digamos nada? Que deixemos esse cadáver repousar no fundo da albufeira sem que ninguém saiba?

Cris – Ninguém... além de nós.

Toni – Mas, vejamos... Com o nosso silêncio tornar-nos-íamos cúmplices de um crime!

Alex – Se é que houve crime...

Uma pausa.

Dani – Desculpe insistir, senhora Ventura, mas... tem a certeza de que se trata de restos humanos?

Cris – E que outra coisa poderiam ser?

Dani – Não sei... Um animal...

Cris – Um animal?

Toni – Quer dizer... um cão ou...?

Cris – E por que não um gorila, já agora?

Toni – A si dava-lhe muito jeito que fosse isso, não dava?

Alex – Acredite, senhora primeira adjunta, estou há vinte anos nesta profissão e, embora não seja especialista em medicina legal, sei reconhecer um esqueleto humano...

Toni – Um macaco...? Mas isso é absurdo... Por que razão haveria o senhor De Fontes de enterrar um macaco no panteão familiar?

Cris – Embora... dizem que um famoso cantor francês tinha uma macaca que criava como se fosse sua filha. Quando ela morreu, mandou enterrá-la no parque do seu castelo.

Tomás – Bem, creio que podemos excluir razoavelmente essa hipótese. Toda a gente sabe que o senhor De Fontes nunca criou a filha como se fosse uma macaca.

Luísa – Perdão...?

Tomás – Quero dizer... que nunca criou uma macaca como se fosse sua filha. Enfim, estão a acabar por me baralhar!

Dani – Eu só estava a fazer uma pergunta, nada mais... Portanto, trata-se efetivamente de um cadáver humano...

Alex – Creio até poder afirmar, pelo tamanho do esqueleto, pela forma do crânio e, sobretudo, pela da bacia, que se trata provavelmente de uma mulher.

Luísa – Uma mulher...? E teria alguma ideia da idade dela...?

Alex – Seria arriscar demasiado, mas... pelo estado da dentição e pelo desgaste dos ossos, não se trata nem de uma mulher muito jovem nem de uma mulher idosa. Eu diria que tinha entre trinta e quarenta anos.

Sam – Ah, sim... Uma mulher na casa dos trinta. Já é bastante preciso...

Alex – Naturalmente, como podia tratar-se de uma cena de crime, não toquei em nada depois de fazer esta descoberta macabra. Por isso só pude realizar uma primeira inspeção visual.

Silêncio.

Sam – Há uma coisa que me surpreende, apesar de tudo. Há já algum tempo que alguns de vós parecem um pouco incomodados. Não é assim, padre...?

O padre parece, de facto, um tanto perturbado.

Tomás – Compreenderá que a minha condição me obriga a manter uma certa reserva...

Sam – A sua condição também leva muita gente a confiar-lhe os seus segredos...

Tomás – Se eu soubesse alguma coisa, e não disse que fosse esse o caso, estaria, de qualquer modo, protegido pelo segredo de confissão...

Toni – Um segredo que não o autoriza a encobrir um crime.

Sam – E a senhora, Cris?

Cris – Eu... sou como o padre Tomás. Como dona do bar, sou obrigada a respeitar o segredo profissional.

Sam – Mesmo aqueles que já falaram... não parecem especialmente surpreendidos por esta descoberta macabra. Estou enganada?

Novo silêncio incómodo.

Sam – Senhora presidente...?

Luísa – Sempre houve rumores, é verdade...

Dani – Rumores destinados a manchar a reputação de Afonso De Fontes, que, recorde-lhe, tem uma estátua na praça da Câmara por ter salvado a nossa aldeia.

Toni – Uma estátua erguida pela filha.

Luísa – Com o teu pleno consentimento, Toni. A Câmara aprovou por unanimidade prestar essa homenagem ao meu pai.

Manuel – Rumores? Que rumores?

Luísa – Como homem público, o meu pai tinha muitos inimigos. Principalmente entre os partidários da construção da albufeira, que esperavam enriquecer com as generosas indemnizações que o Governo lhes prometia.

Toni – E então?

Luísa – Na época em que Afonso De Fontes liderou a luta contra aquele primeiro projeto — uma luta que acabou por vencer —, a mulher abandonou-o.

Sam – A mulher dele... A sua mãe, portanto...

Luísa – Sim... A minha mãe... Embora sempre me tenha custado um pouco chamar-lhe isso.

Sam – E porquê, se me permite perguntar...?

Luísa – Praticamente não a conheci. Eu tinha três meses quando ela se foi embora.

Manuel – Sabe por que razão se foi embora de forma tão repentina?

Luísa – Suponho que se sentisse negligenciada... Para o meu pai, aquela luta tinha-se tornado a causa da sua vida. Uma verdadeira cruzada.

Sam – E para a sua mãe?

Luísa – A minha mãe não era daqui. Era de origem romena...

Sam – Era...? Já fala dela no passado...

Luísa – Desde que desapareceu, lá em casa sempre se falava dela no passado... Embora, na verdade, fosse um assunto que todos procuravam evitar.

Sam – Como se chamava a sua mãe?

Luísa – Marina. Chamava-se Marina. É quase tudo o que sei da minha mãe...

Sam – E que era romena...

Luísa – O meu pai conheceu-a durante uma viagem à Roménia. A nossa aldeia está geminada com uma aldeia romena nas margens do mar Negro. Marina era a sua intérprete. Falava perfeitamente a nossa língua. Seis meses depois de se conhecerem, veio ter com ele aqui e casaram-se.

Sam – Um casamento por amor, então...

Luísa – Talvez também fosse, para ela, uma forma de deixar o seu país e aspirar a uma vida melhor. Era uns quinze anos mais nova do que ele.

Sam – E depois...?

Luísa – Dizia-se que, durante uma estadia em Paris, tinha tido um amante. Também romeno. E que tinha fugido com ele.

Dani – Abandonando o marido... e a única filha. A Luísa...

Luísa – Eu era apenas um bebé... Não tenho nenhuma recordação concreta. Mas, naturalmente, com o tempo vivi isso como um abandono... Por isso fiz tudo o que pude para a esquecer...

Manuel – Mas uma mãe não se esquece assim sem mais nem menos...

Luísa – Durante os meus primeiros anos, sem o dizer a ninguém, e muito menos ao meu pai, esperei que ela voltasse.

Sam – Mas ela nunca voltou...

Luísa – Não.

Manuel – E nunca voltou a saber nada dela?

Luísa – Nunca. Por isso, pouco a pouco... fui fazendo o luto pela minha mãe. É verdade... Fiz de conta que ela tinha morrido. Aliás, na escola, quando os meus colegas me perguntavam pela minha mãe, dizia que estava morta. Era mais simples. Para mim. Para os outros. Assim acabavam as perguntas. Naturalmente, nunca falava desse assunto com o meu pai.

Sam – Porquê?

Luísa – Supunha que para ele também era um assunto doloroso. Pensava que já me tinha contado tudo o que sabia e que não servia de nada remexer na ferida.

Sam – Então teve de superar essa provação sozinha...

Luísa – O meu pai era bastante autoritário. Não falava muito. Pelo menos, em casa. Criou-me com carinho, mas não era um homem muito expressivo. Nem comigo nem com os outros. Creio que aqui toda a gente sabe isso.

Luísa parece um pouco abalada.

Toni – Compreendo que não deve ter sido nada fácil para ti. Mas agora temos um problema...

Manuel – E uma urgência...

Sam – Uma mãe não abandona a filha assim sem mais nem menos... Nunca ninguém pôs em causa essa versão de que ela tinha fugido com um amante?

Dani – Os ausentes têm sempre culpa... Dizia-se que ela só tinha vindo para cá por interesse. E que se tinha casado com o senhor De Fontes por conveniência...

Sam – Por conveniência...?

Dani – Pelo dinheiro dele...

Toni – E, no entanto, teria ido embora sem levar nada.

Alex – E suponho que nunca chegaram a divorciar-se...

Luísa – Que eu saiba, não...

Cris – Seja como for, nunca mais a vimos.

Dani – Também na aldeia a sua fuga foi considerada uma traição. Em plena batalha, quando todos deveríamos ter permanecido unidos.

Cris – Sim... Ninguém hesitou em atirar a primeira pedra contra aquela mulher adúltera, pois não, padre? E depois preferimos esquecê-la.

Alex – É verdade que, na aldeia, pronunciar o seu nome se tinha tornado quase um tabu...

Manuel (*perdido nos seus pensamentos*) – Marina... Chamava-se Marina...

Os outros parecem um pouco surpreendidos pela intervenção de Manuel.

Sam – Portanto, aquela pecadora foi desterrada... enquanto ao marido erguiam uma estátua. Creio que acabou por ser senador...

Luísa – Vejo que está muito bem informada...

Uma pausa.

Manuel – Então... o corpo que encontraram debaixo da laje do panteão familiar seria o dela?

Cris – Naquela época, alguns puseram em causa que Marina se tivesse ido embora de repente, abandonando a filha... Mas, para a maioria dos habitantes da aldeia, Afonso era um herói, e não era bem visto contrariá-lo.

Uma pausa.

Sam – Então, na verdade, se bem entendo... vocês sabiam. Todos...

Cris – Não tínhamos nenhuma certeza. Nunca houve uma investigação. Mas é verdade que se poderia falar de uma espécie de omertà...

Sam – Estou a ver... Pôr em causa a versão oficial teria sido como derrubar a estátua do salvador de Castelvelho.

Alex – É verdade... Teria sido como...

Cris – Pôr em causa a virgindade de Joana d’Arc.

Sam – E a senhora, Luísa...?

Luísa – Foi há trinta anos. O meu pai já morreu. E eu sucedi-lhe como presidente da Câmara.

Tomás – Os De Fontes estão estreitamente ligados à história desta aldeia.

Cris – Sim, até se poderia dizer que são os senhores do lugar.

Toni – Até mudaram o apelido para lhe dar um ar mais nobre... Creio que o verdadeiro apelido deles é Fonte, não é? Afonso Fonte...

Alex – Fonte... Que ironia para o presidente de uma aldeia que em breve ficará submersa sob as águas de um lago...

Uma pausa.

Sam – Então, teria sido o patriarca quem assassinou a mulher porque ela lhe era infiel?

Dani – Não tiremos conclusões precipitadas... Nada prova que ela tenha sido assassinada.

Cris – Então porquê ocultar o corpo e fazer crer que ela tinha fugido?

Manuel – Portanto, teve de haver cúmplices para encobrir o caso e fazer desaparecer o cadáver.

Toni – Cúmplices... até na agência funerária, senhora Ventura...

Alex – Naquela época era o meu pai quem dirigia a empresa. Eu nem sequer tinha nascido.

Sam – E o seu pai nunca lhe contou nada?

Alex (*incomodada*) – Não tenho nenhuma informação concreta a esse respeito, garanto-lhe. Embora, como toda a gente, também tenha ouvido os rumores...

Manuel – E isso não a pôs de sobreaviso?

Alex – Preferi pensar que não passava de uma lenda urbana. Na nossa profissão ouvem-se tantas coisas, sabe... Acredite, dava para escrever um livro... Olhe, um dia uma senhora idosa contou-me que...

Luísa – Por favor, senhora Ventura, não é o momento...

Alex – Suponho que consigo aconteça o mesmo, padre...

Tomás – Em todo o caso, não é a Igreja que propaga esse género de rumores, pode acreditar...

Cris – Embora... A história daquele homem que crucificam e que ressuscita três dias depois de morrer... Como lenda urbana, continua imbatível. Tem dois mil anos e ainda se fala dela.

Toni – Essa história começava com um sepulcro vazio. No panteão dos De Fontes temos uma inquilina a mais. Não é exatamente a mesma coisa...

Tomás – Recordo-lhe que estamos a falar da mãe da Luísa... Por isso agradecia-lhe que nos poupasse às suas piadas de gosto duvidoso.

Cris – Desculpe...

Uma pausa.

Dani – Seja como for... provavelmente todos os envolvidos neste assunto já morreram.

Cris – Todos, não sabemos... E, além disso, ainda deve haver alguma testemunha. Não se enterra um cadáver às escondidas num cemitério sem que ninguém dê por isso.

Sam – A propósito, por que razão decidiram enterrar o cadáver no panteão familiar?

Alex – Podemos imaginar que, para o senhor De Fontes, era uma forma de se manter dentro de uma certa legalidade.

Toni – Legalidade?

Alex – Ou, pelo menos, de uma certa respeitabilidade... Em vez de esconder o cadáver no fundo de uma ravina como um vulgar criminoso.

Cris – Em suma, para ele foi apenas um enterro na mais estrita intimidade.

Manuel – Para preservar a reputação da família...

Cris – E a de toda a aldeia.

Sam – Sim... Mas agora já não podem continuar a fechar os olhos. Estamos a falar de um assassínio. Do assassínio de uma mulher às mãos do marido, ocultado graças a uma série de cumplicidades e protegido por uma omertà.

Cris – Não deixa de ser irónico... Amanhã a aldeia desaparecerá sob as águas... e esta descoberta macabra vai obrigar-nos a reescrever toda a sua suposta história heróica...

Toni – Já se sabe... Quando há inundações, os esgotos transbordam...

Uma pausa.

Alex – Sim... E quando os esgotos transbordam, o mau cheiro acaba por chegar a todos.

Dani – Talvez devêssemos deixar já as metáforas... A questão é muito simples. Quem pode ter interesse em que se abra uma investigação tantos anos depois? A quem é que isso vai beneficiar?

Tomás – Receio que a ninguém.

Toni – Não sei a quem poderia beneficiar, mas vejo muito bem a quem poderia prejudicar...

Luísa – O estranho é que este assunto venha precisamente hoje à superfície.

Dani – Com efeito... Aliás, se me permite, senhora Ventura, o seu trabalho consistia apenas em transferir as sepulturas existentes e devidamente registadas. O que a levou a pensar que devia escavar sob a laje do fundo do panteão da família De Fontes?

Alex parece incomodada.

Luísa – Fez o mesmo nos outros panteões?

Alex – Não...

Dani – Então porquê neste?

Alex – Digamos que... recebi uma informação muito precisa sobre a possível presença de restos mortais naquele local.

Sam – Informação?

Alex – Uma carta... Uma carta anónima...

Uma pausa.

Dani – Então há um denunciante anónimo em Castelvelho...

Luísa – E a senhora levou essa carta a sério...

Toni – Que importa agora essa pergunta? Agora temos a prova de que a informação era verdadeira, não temos?

Alex – A carta estava muito bem documentada... Precisava que, se nada fosse feito, informariam a polícia. Como compreenderão, eu também não tenho qualquer interesse em que este assunto venha a público. A reputação da minha família e da minha empresa também estão em jogo. Mas não podia ignorar essa carta.

Toni – Uma carta escrita por alguém que, evidentemente, sabe muito bem o que aconteceu... Padre, ocorre-lhe quem poderia ser?

Tomás parece abstraído.

Tomás – Sempre pensei que o desaparecimento desta aldeia sob as águas era vontade de Deus.

Sam – Uma espécie de dilúvio em miniatura, quer dizer...

Toni – Com Castelnovo como arca de Noé.

Cris – Para nos castigar a todos pelas nossas misérias, passar uma esponja sobre tudo e recomeçar como se aqui nada tivesse acontecido?

Tomás – Sim... Creio que Deus decidiu sepultar esta aldeia sob as águas para a purificar dos seus pecados...

Silêncio incómodo perante este arrebatamento místico.

Manuel – Bom... E agora, o que fazemos? Além de nos encomendarmos à vontade de Deus...

Sam – Não temos escolha. É necessária uma investigação para esclarecer a verdade.

Tomás – A verdade... Tenho a impressão de que toda a gente já a conhece, não?

Toni – O senhor talvez... Eu nunca tinha ouvido falar desta história. Bem, sim, da mulher adúltera, mas não de um assassinio...

Manuel – Além disso, não temos nenhuma certeza quanto à identidade desse corpo.

Cris – E também não conhecemos as circunstâncias exatas da sua morte. Foi um homicídio involuntário que preferiram ocultar... ou um assassinio premeditado?

Dani – Senhora presidente...

Luísa – Uma vez que esse corpo repousava no nosso panteão familiar... Sim, o mais provável é que o meu pai tenha matado a minha mãe e decidido fazer desaparecer o cadáver... Quanto ao como e ao porquê... Foi há muito tempo. Mesmo que se abra uma investigação, será muito difícil descobrir o que realmente aconteceu.

Cris – O que está exatamente a sugerir? Que voltemos a enterrar este assunto, como se fez há trinta anos?

Luísa – Compreenderão que isto é um golpe muito duro para mim... Estamos a falar dos meus pais, recordo-vos. É uma história terrível, sem dúvida. Uma história que eu teria provavelmente preferido nunca conhecer. Mas de que serviria trazer agora tudo isto a público...?

Dani – O culpado morreu. E aqueles que o ajudaram a ocultar o crime provavelmente também...

Luísa – E, mesmo que ainda estivessem vivos, o crime já teria prescrito.

Dani – O prazo de prescrição é de seis anos para um homicídio involuntário. Vinte para um assassínio...

Sam – A senhora parece muito bem informada... Não terá esperado que esse prazo expirasse para destapar este caso sórdido, pois não?

Toni – Dava-lhe muito jeito que todos esquecêssemos isto, não dava? Para não manchar esse apelido que tem e que tanto trabalho vos deu enobrecer...

Luísa – Há pouco, o meu pai era um herói para si. E agora pretende condená-lo depois de morto.

Toni – Há pouco eu não sabia que o seu pai era um assassino. A senhora sabia.

Luísa – Garanto-lhe que não. Eu tinha apenas três meses quando os factos ocorreram. Não tenho nada a censurar-me. Não sou culpada de nada, nem tenho de responder pelo que o meu pai fez.

Cris – Mas mandou erguer uma estátua em sua honra.

Toni – Com a esperança de que parte da glória dele recaísse sobre si e lhe permitisse suceder-lhe à frente da Câmara... Tudo para acabar por apoiar o desaparecimento desta aldeia, contra o qual ele tanto lutara.

Cris – Sim... Hoje, como ontem, aos De Fontes interessa que essa sepultura sem nome permaneça enterrada para sempre sob as águas da albufeira.

Sam – É verdade que a senhora não é responsável pelos atos do seu pai, senhora presidente. Mas, se se recusar a revelar este crime, tornar-se-á cúmplice do seu encobrimento.

Toni – E nós consigo...

Silêncio.

Luísa – É verdade, eu também vivia numa espécie de negação. Não quis pôr em causa a versão oficial. Todos podem compreender porquê. Mas não o fiz conscientemente, juro-vos... Achrom que uma criança pode aceitar serenamente a possibilidade de o pai ter matado a mãe?

Dani – A senhora presidente tem razão... Não acham que já temos problemas suficientes para resolver? De qualquer modo, isso não mudaria nada.

Toni – Tu própria o disseste: o enchimento da albufeira seria suspenso e, portanto, a destruição da nossa aldeia. Não é assim, senhor Nobre?

Manuel – Durante alguns dias, talvez. Algumas semanas, no máximo. Mas este projeto será levado a cabo. Dois operários já perderam a vida durante a sua construção... e as obras não foram paralisadas por causa disso.

Cris – Está bem, seria mais fácil voltarmos a calar-nos, como há trinta anos, mas estão a esquecer-se de uma coisa.

Dani – De quê?

Sam – Da memória dessa mulher.

Silêncio.

Manuel – Tem razão.

Cris – Aos olhos de todos, até da própria filha, Marina passou por uma traidora. Uma mulher frívola que tinha abandonado o marido e a filha para fugir com um amante. Quando, na verdade, foi vítima de violência machista...

Sam – Um feminicídio. Mais um. Encoberto na altura por um homem todo-poderoso, com a cumplicidade de uma aldeia inteira.

Cris – E agora querem negar-lhe justiça pela segunda vez...?

Sam – Não poderemos devolvê-la à vida. Mas creio que essa mulher tem, pelo menos, direito a que a verdade sobre ela seja restabelecida.

Toni – Depois de mancharem a sua memória, esforçaram-se por apagá-la por completo. Enquanto erguiam uma estátua ao seu assassino...

Cris – A senhora fala da honra da sua família, senhora presidente... Mas e a honra dessa mulher?

Sam – Uma mulher que jaz sem uma verdadeira sepultura. Uma sepultura que vocês se obstinam em negar-lhe. Pela segunda vez. Não permitirei semelhante infâmia.

Dani – Semelhante infâmia...? É uma linguagem um tanto teatral, não acha? Dir-se-ia que se toma por Antígona...

Sam – Está a ameaçar matar-me como a ela se eu lhe desobedecer?

Tomás – Vamos, sejamos razoáveis... Aqui ninguém vai matar ninguém...

Luísa – O que me surpreende é que leve este assunto tão a peito, senhora... Senhora... como era o seu apelido?

Sam – Pavel.

Luísa – Antes disse-nos Valadares... Sam Valadares.

Sam – Valadares é o meu pseudónimo. Parecia-me que soava melhor. Mas o meu verdadeiro apelido é Pavel.

Luísa – Seja como for, estamos a falar da minha mãe, não da sua. Ao ouvi-la, qualquer pessoa diria que tudo isto a afeta pessoalmente...

Sam – Precisamente porque se trata da sua mãe. Não compreendo que admita com tanta facilidade deixá-la sem sepultura com o único objetivo de proteger os seus interesses. Até agora, considerava-a uma mãe indigna. Agora sabe que ela não a abandonou, mas que foi assassinada...

Tomás – Vamos, meus filhos, esta situação já é bastante dolorosa. Devemos permanecer unidos...

Cris – O senhor, padre, é melhor não dizer nada... Tenho a certeza de que sabia e não disse uma palavra. Tal como a Igreja sempre preferiu ignorar os numerosos pedófilos que há entre os seus padres e deixá-los agir com total impunidade. Tudo com o único objetivo de não manchar a sua reputação.

Tomás – A Igreja evoluiu muito nestas questões...

Sam – Sim, claro... Há pouco dizia-nos que era vontade de Deus sepultar esta aldeia sob toneladas de água para a lavar dos seus pecados... Que grande evolução...

Luísa – E a senhora parece movida por um espírito muito faccioso para uma jornalista que, por princípio, deveria manter-se imparcial.

Dani – De facto. Eu julgava que estava aqui para dar testemunho e informar. Não para tomar partido.

Sam – Sou jornalista, mas também sou cidadã. Defendo certos princípios. Espero não ser a única aqui esta noite...

Dani – E tu, Cris? Também não sabia que te sentisses tão envolvida neste assunto...

Cris – Eu conhecia Marina. Ela vinha muitas vezes aqui. Desabafava comigo... Era uma jovem muito cativante, posso dar testemunho disso. Sim, era minha amiga...

Dani – Mas uma amiga... íntima?

Cris – Isso não é da sua conta.

Silêncio.

Manuel – Como pôde acontecer uma coisa destas? Enterrar uma mulher num panteão familiar... sem que ninguém desse por isso?

Toni – Isso de ninguém ter dado por isso ainda está por provar. Teve de haver cúmplices. Talvez na agência funerária...

Alex – Afonso De Fontes era um homem carismático. Sabia como conseguir o que queria. E, primeiro como presidente da Câmara e depois como senador, tinha meios para pressionar as pessoas.

Tomás – Também tinha muitos amigos leais que o admiravam por tudo o que tinha conseguido e estavam dispostos a correr riscos para o proteger.

Dani – Ao mandar sepultar o corpo da mulher no panteão familiar, de certo modo... voltava a dar-lhe um lugar no panteão da família.

Sam – Eu diria antes que se julgava acima de tudo e de todos... Era uma forma de conservar o controlo... De se subtrair à justiça dos simples mortais.

Alex – Sim... Não devia considerar-se um vulgar criminoso. Se se tratou de um acidente... arrogou-se o direito de se absolver a si próprio.

Cris – Continua a tentar diminuir a gravidade do que ele fez... Mas nada nos diz que tenha sido um homicídio involuntário. Pode ter sido um assassinio...

Manuel – Um assassinio...? Mas porquê?

Dani – Por ciúmes, provavelmente. Se a mulher tinha um amante...

Manuel – Para que a aldeia inteira aceitasse guardar silêncio, tinha de haver uma razão muito forte.

Tomás – Não é assim tão difícil de compreender... Mandar o presidente da Câmara para a prisão teria desacreditado a oposição ao projeto da albufeira.

Sam – Qualquer que fosse o motivo, não deixa de ser um crime.

Toni – Há trinta anos, os habitantes guardaram silêncio para impedir a destruição da aldeia. E agora deveríamos voltar a calar-nos para proteger a reputação de quem está a contribuir para a destruir?

Luísa – Eu não tenho nenhuma responsabilidade legal neste assunto.

Cris – Mas tem uma responsabilidade moral. Trata-se da memória da sua mãe...

Toni – Claro que, se esta história sórdida viesse a público, poderia pôr em perigo a tua reeleição...

Luísa – E isso permitir-te-ia ocupar o meu lugar, talvez?

Toni – E por que não? A menos que queiras reservá-lo para algum dos teus filhos... A presidência da Câmara não é um cargo hereditário, sabes?

Luísa – Portanto queres revelar este assunto para tirar proveito dele.

Toni – Seja como for, temos de avisar a polícia.

Dani – Por um crime passional de há trinta anos?

Sam – Um crime passionnal... Essa explicação dar-vos-ia muito jeito a todos, não daria?

Manuel – Então por que razão a teriam matado?

Sam – Talvez porque soubesse certas coisas.

Cris – Que coisas?

Sam – É precisamente para isso que uma investigação poderia servir: para encontrar respostas.

Luísa – Para ser uma simples jornalista de casos policiais, parece saber muitas coisas... Quem é exatamente, senhora... Pavel?

Dani – Pavel... Não é um apelido de origem romena?

Luísa – Posso ver a sua carteira de jornalista?

Todos os olhares se voltam para Sam.

Sam – Não tenho... Não sou jornalista.

Estupefação geral.

Dani – Então mentiu-nos... Quem é a senhora?

Uma pausa.

Sam – Marina era minha tia. A irmã da minha mãe.

Dani – Uma tia que nunca conheceu, a julgar pela sua idade. Então, o que faz aqui?

Sam – Encontrei umas cartas que Marina tinha escrito à minha mãe...

Silêncio.

Manuel – Umas cartas que lhe deram vontade de vir até aqui antes que a aldeia desaparecesse.

Sam – A minha mãe morreu há alguns meses. Falava-me muitas vezes daquela irmã que tinha desaparecido bruscamente antes de eu nascer. Tinha boas razões para se perguntar quais tinham sido as verdadeiras causas do seu desaparecimento.

Dani – Então por que não fez nada antes?

Sam – Vivíamos na Roménia. Não tinha meios para contratar um advogado em França e conseguir que fosse aberta uma investigação.

Tomás – E depois...?

Sam – Depois consegui uma bolsa para estudar em França. Creio que, para mim, também era uma forma de me aproximar de Marina. Pouco antes de morrer, a minha mãe entregou-me essas cartas. Compreendi que me estava a confiar uma missão. Quando soube do projeto da albufeira, decidi vir aqui...

Toni – E o que diziam essas cartas?

Sam – Marina confiava à irmã que se sentia ameaçada.

Luísa – Ameaçada? Por quem? E porquê?

Sam – O retrato que faz do marido é muito menos lisonjeiro do que a imagem pública que ele deixou. Quando defendia esta aldeia, defendia antes de mais os seus próprios interesses.

Toni – O meu pai falou-me disso. Quando surgiu o projeto da albufeira, muitos começaram a vender as suas terras. Afonso De Fontes comprou-lhas a bom preço. Como senador, estava bem informado. Tinha boas razões para pensar que o projeto não iria avançar e que poderia revendê-las depois com grandes lucros.

Dani – E teria decidido matar a mulher para a impedir de denunciar as suas manobras fraudulentas?

Sam – Também o descreve como um homem autoritário... e capaz de ser violento.

Tomás – Talvez porque a mulher lhe era infiel.

Cris – Pensa mesmo o que está a dizer, padre? Mudámos de século, sabe? Hoje em dia, os ciúmes não podem justificar um crime.

Sam – É verdade que, nas suas cartas, ela também fala de uma pessoa a quem se tinha confiado... Ao que parece, tinha iniciado com essa pessoa uma relação que ia além da amizade e pensava partir ao seu lado... levando consigo a filha.

Dani – Não passam de cartas... Era a versão dela dos factos. A visão de uma mulher infeliz... que procurava consolo nos braços de um dos seus compatriotas. Quem sabe se não terá realmente fugido com ele.

Alex – Nesse caso, a quem pertenceria o corpo que encontrámos sob a laje do panteão da família De Fontes?

Cris – Seja como for, o amante de Marina não era romeno, garanto-lhe.

Dani – Ah, sim? E como sabe?

Cris – Sei, e pronto.

Dani – Porque a senhora era amante dela, talvez...?

Cris – Infelizmente, não...

Alex – Então quem era?

Cris – Cabe-lhe a ele revelá-lo... se quiser fazê-lo.

Uma pausa.

Sam – E a senhora também não disse nada? Pensava que Marina era sua amiga...

Cris – Eu era muito jovem na altura. Afonso era uma figura pública. Disseram-nos que Marina se tinha ido embora. Eu quis acreditar. Hoje parece-me necessário descobrir o que realmente aconteceu...

Luísa – Então a denunciante anónima era a senhora...

Cris – E não me arrependo de nada. A verdade tinha de vir à luz antes que todas as provas fossem destruídas para sempre...

Uma pausa.

Manuel – Então, tê-la-iam matado porque ela queria denunciar os esquemas do marido?

Sam – E aqueles que tinham interesse em que ela desaparecesse guardaram silêncio. Afinal de contas, ela não era da aldeia...

Toni – Vamos mesmo condená-la pela segunda vez?

Sam – E voltar a colocar a estátua do seu assassino em frente à nova Câmara?

Uma pausa.

Luísa – Está bem. Aceito que essa estátua fique aqui e seja engolida pelas águas.

Toni – Na verdade, isso dá-te muito jeito...

Luísa – Digas o que disseres e faças o que fizeres, de qualquer modo, para ti serei sempre culpada.

Dani – Proponho que votemos.

Toni – Isso não tem qualquer valor legal!

Dani – Será uma votação meramente consultiva, claro... Quem quer realmente que a descoberta deste corpo seja tornada pública?

Sam, Toni e Cris levantam a mão.

Dani – Portanto, a maioria de nós pensa que é melhor que este cadáver nunca mais volte à superfície...

Manuel – Quero esclarecer que, pela minha parte, me abstenho.

Sam – Seja como for, não me sinto de modo algum vinculada pelo resultado desta votação.

Dani – A senhora é muito livre, mas aviso-a...

Sam – Está a ameaçar-me?

Dani – Só queria dizer que os resultados de uma eventual investigação poderiam não satisfazer ninguém.

Uma pausa.

Luísa – E se tivesse sido o amante dela a matá-la?

Cris – Porquê?

Dani – Por ciúmes, mais uma vez.

Manuel – Isso não se sustenta. Como poderia esse amante, sem a ajuda de ninguém, ocultar o corpo debaixo do panteão familiar do marido enganado? Desculpe, senhora presidente...

Uma pausa.

Sam – Alex... Tem mesmo a certeza de que não sabe nada sobre a participação da agência funerária naquele enterro clandestino?

Cris – Provavelmente de noite. Às escondidas. Como antigamente se enterravam os atores excomungados pela Igreja...

Uma pausa.

Alex – Só sei o que o meu pai me contou no fim da vida, para aliviar a consciência...

Toni – Portanto, a senhora também sabia.

Alex – O meu pai não me disse de quem se tratava. Mas sim, eu suspeitava.

Sam – E o que lhe disse exatamente?

Alex – Reconheceu ter participado na ocultação de um cadáver.

Manuel – Porquê? Podia ter-se recusado...

Alex – Porque foi o padre quem lho pediu expressamente...

Uma pausa.

Sam – O senhor, padre?

O padre parece incomodado.

Tomás – Eu era um sacerdote jovem nessa altura. Acabava de ser ordenado e Castelvêlo era a minha primeira paróquia.

Toni – Então sabe o que aconteceu. Participou nisso. Aceitou encobrir o crime cometido pelo presidente da Câmara.

Uma pausa.

Tomás – Afonso não foi responsável pela morte de Marina.

Manuel – Ah, não? Então quem foi?

Tomás – Eu.

Silêncio.

Luísa – O senhor, padre? Foi o senhor que matou a minha mãe?

Tomás – Afonso tinha-me pedido ajuda. A mulher acabava de lhe anunciar que o deixava e que ia embora com a filha.

Manuel – E então?

Tomás – Fui a casa dos De Fontes para tentar fazê-la cair em si. Sem sucesso. Houve uma discussão violenta. O marido queria retê-la à força. Chegou mesmo a falar em fechá-la no quarto. A certa altura, ela tentou fugir. Eu tentei, desajeitadamente, impedi-la...

Sam – E depois?

Tomás – Caiu pelas escadas. Bateu com a cabeça na esquina de um pilar. Foi um acidente...

Cris – Se o senhor o diz...

Tomás – É a verdade, garanto-vos.

Manuel – Em todo o caso, já não resta nenhuma testemunha que possa contradizê-lo.

Tomás – Acabo de confessar que sou responsável por um homicídio. Por que razão haveria de mentir?

Cris – Para diminuir a gravidade do seu crime e fazê-lo passar por acidente...

Toni – Ou para proteger o senhor De Fontes.

Tomás – Foi assim que aconteceu. Juro-o perante Deus.

Manuel – Terá de jurá-lo perante um juiz...

Sam – E depois?

Tomás – Afonso propôs imediatamente ocultar a morte da mulher. Para me proteger, para proteger a reputação da Igreja... e a sua.

Sam – Na verdade, aquele desaparecimento vinha-lhe mesmo a calhar...

Manuel – E enterraram o corpo da vítima sob a laje do panteão familiar...

Tomás – Sim... Com a ajuda da agência funerária da época.

Cris (*a Alex*) – Ou seja, com a ajuda do seu pai...

Alex – Ninguém conseguia negar nada a Afonso De Fontes... nem ao senhor padre. O meu pai era muito crente. Para ele, tudo o que o padre dizia era palavra de Deus.

Sam (*a Tomás*) – E o senhor também guardou silêncio durante todos estes anos...

Tomás – Era jovem. Tive medo. Medo das consequências. Confessei-o ao meu bispo, e ele também me aconselhou a guardar silêncio.

Cris – Porque será que isso não me surpreende...?

Tomás – Quando, anos mais tarde, comecei a questionar tudo, já era demasiado tarde. Remexer no passado... Pensei que faria mais mal do que bem.

Luísa – Então a minha mãe não tinha nenhum amante? Isso também era mentira?

Uma pausa.

Manuel – Não, isso não era mentira.

Luísa – Como sabe?

Manuel – Porque o amante dela era eu.

Dani – O senhor?

Manuel – Quando participei no primeiro projeto da albufeira, não passava de um jovem engenheiro. Conheci Marina. Era infeliz no casamento. E nesta aldeia sentia-se muito só. Para todos, era uma estrangeira. Eu estava louco por ela. Não parava de insistir para que deixasse o marido e viesse comigo...

Sam – Mas, naturalmente, Afonso não estava de acordo...

Manuel – A mulher do presidente da Câmara abandonar o marido pelo engenheiro encarregado de destruir a aldeia... Imagine.

Cris – Se não tivesse morrido, provavelmente teria acabado rapada, como aquelas mulheres que se deitaram com o inimigo no fim da guerra...

Toni – Em todo o caso, isso teria manchado seriamente a imagem daquele grande homem.

Tomás – Afonso não podia suportar semelhante ideia. Foi assim que tudo começou a correr mal...

Toni (*a Manuel*) – Então o senhor também sabia?

Manuel – De um dia para o outro, deixei de ver Marina. Ao princípio, pensei que ela tivesse mudado de ideias. Que tivesse decidido ficar com Afonso para proteger a filha. Depois começou a correr o rumor de que tinha fugido. Acreditei que tivesse regressado à Roménia para ter a certeza de escapar ao marido.

Sam – Portanto, o senhor também acreditou na versão oficial...

Manuel – Tinha as minhas dúvidas, mas o que podia fazer? Eu era o amante, não o marido... Acabei por me resignar. Mas nunca a esqueci. Suponho que foi por isso que nunca me casei... E quando, trinta anos depois, surgiu a oportunidade, fiz tudo para me tornar o novo diretor do projeto.

Dani – Para se vingar? Destruindo esta aldeia...?

Manuel – No início havia um pouco disso, reconheço. Mas, acima de tudo, creio que, inconscientemente, queria aproveitar aquela oportunidade para tentar descobrir a verdade. Agora já a sei...

Uma pausa.

Sam – Não tenho a certeza de que saiba tudo...

Manuel – Que mais há...?

Sam – Nas cartas que a minha mãe me entregou, Marina dizia que o marido não era o pai da filha. Também era por isso que queria deixá-lo.

Toni – E foi por isso que reagiu com tanta violência. Ia perder ao mesmo tempo a mulher e a filha.

Cris – E para ele, que humilhação...

Alex – Portanto, não teria aceitado fazer desaparecer o corpo apenas para o proteger a si, padre, mas também para se vingar. Com total impunidade...

Toni – Mas então... quem era o pai?

Todos os olhares se voltam para Manuel, que parece paralisado.

Luísa – O senhor sabia?

Manuel – De modo algum... Juro-lhe que ela nunca me disse nada... Se eu soubesse, talvez tivesse agido de outra maneira...

Toni (*a Luísa*) – Que ironia. Tu pensavas que o teu pai tinha salvado a aldeia. E afinal és filha do homem que vai destruí-la...

Manuel – Então... a senhora seria minha filha, Luísa?

Luísa (*incomodada*) – Por agora não há nenhuma certeza, pois não...? Por isso proponho que voltemos a falar disto mais tarde...

Toni – Bastará fazer um teste... Hoje em dia é muito fácil, sabes?

Alex – A verdade é que têm um certo ar de família, não têm?

Cris – Há que reconhecer que não é coisa que aconteça todos os dias... Numa só noite descobre que a mãe está realmente morta, mas que talvez o pai ainda esteja vivo...

Sam – Quando falei de *A Noite dos Mortos-Vivos*, não sabia até que ponto tinha razão...

Dani – Por favor, um pouco de decência.

Cris – Está bem, já não digo nada...

Silêncio.

Dani – Então, o que fazemos?

Sam – Padre?

Tomás – Ajudá-la-ei a restabelecer a verdade e a reabilitar a memória de Marina. Mesmo que tenha de assumir as consequências judiciais desta confissão.

Cris – Tanto mais que o crime já prescreveu, não é, padre? Enfim, mais vale tarde do que nunca...

Toni – Nesse caso, Luísa, já não poderás continuar a esconder as misérias da família De Fontes.

Dani – Mesmo que isso manche a imagem desta aldeia...?

Toni – Esta aldeia vai desaparecer sob as águas. Graças a ti...

Sam – Dani?

Dani – Tudo isto foi longe demais. Há demasiada gente a par. Todos os que aqui estamos, para começar. Alguém acabará necessariamente por falar. Já não poderemos esconder a verdade...

Luísa – Creio que, de facto, já não podemos voltar atrás. Mas vai ser um golpe terrível. Para todos. A começar por mim, naturalmente...

Toni – Fingirás surpresa. Tomarás a corajosa decisão de fazer cair a estátua do patriarca do seu pedestal... E, com um pouco de sorte, poderás continuar a governar e a enriquecer...

Sam – Manuel?

Manuel – Isso não impedirá que o projeto siga em frente.

Tomás – Teremos de pensar que era vontade de Deus...

Cris – Acredita mesmo que a nova aldeia será um remanso de paz e fraternidade, padre...?

Manuel – Para isso, na sua arca de Noé, teria tido de embarcar apenas os animais...

Tomás – Então não acredita em Deus?

Manuel – Acredito que o mundo é um absurdo. Um absurdo que, através do ser humano, tenta inventar uma finalidade. Deus é um dos artifícios que o homem encontrou para dar sentido à sua vida.

Uma pausa.

Sam – Cada um, à sua maneira, contribuiu para a morte de Marina e para o encobrimento da verdade. Uns participando diretamente no crime, outros como cúmplices e outros, simplesmente, guardando silêncio.

Cris – Tem razão... Somos todos culpados. Mesmo aqueles que, como eu, não tiveram a coragem de se insurgir mais cedo contra aquela injustiça.

Manuel – É verdade. Eu também fui um cobarde...

Uma pausa.

Sam – Ao menos reabilitaremos a memória da minha tia, que afinal acaba por ser a verdadeira heroína desta aldeia...

Toni – Também não exageremos. Era uma vítima, sim. Mas isso não faz dela uma santa...

Dani – Em todo o caso, também não era propriamente a Donzela de Orleães.

Manuel – O que está a insinuar?

Dani – Escreveu que Afonso não era o pai da filha. Não escreveu que fosse o senhor...

Cris – Quem mais poderia ser?

Dani – Talvez tivesse vários parceiros... Talvez aquele amante romeno não fosse afinal uma lenda.

Cris – E que diferença faz? Por ser uma mulher livre merecia morrer?

Luísa – Não, claro que não...

Uma pausa.

Alex – Bom, então, se estamos todos de acordo, vou telefonar à polícia para informar da descoberta destes restos mortais não registados...

Alex tira o telemóvel e prepara-se para marcar um número, começando a afastar-se.

Cris – Espere...

Alex – Perdão...?

Cris – No fim de contas, pergunto-me se a Dani não terá razão.

Dani – A sério?

Cris – Trinta anos depois, será muito difícil estabelecer a verdade.

Sam – E, aconteça o que acontecer, cada um acabará por ter a sua própria versão...

Luísa – Toda a gente dirá o que lhe apetecer, isso é certo.

Manuel – Só servirá para reacender os rumores...

Dani – Às vezes, quando já se bateu no fundo, mais vale não continuar a cavar, como dizia a Alex...

Alex – Então, o que faço?

Cris – E se a deixássemos descansar em paz no fundo do lago...?

Manuel – Mas resta a família dela. Tem o direito de saber o que aconteceu a Marina... Recordo-vos que, oficialmente, ela nunca foi declarada morta.

Sam – A família dela... Para além de mim... e da filha, claro, já não lhe resta ninguém.

Uma pausa.

Manuel – Tornar-se a Dama do Lago... Creio que a ideia não lhe teria desagradado. Ela não nasceu para ser uma vítima, sabem...? Era uma mulher de carácter. Tinha projetos. Queria escrever um romance...

Alex – No fim de contas, a própria vida dela terá sido um romance...

Dani – Luísa? Afinal, trata-se da sua mãe.

Uma pausa.

Luísa – De que serviria reabrir velhas feridas...? Todos os que a conheceram estão aqui. E agora sabemos o que aconteceu.

Uma pausa.

Dani – Toni? Este é o momento de falar... ou de calar para sempre.

Toni – Está bem... Mas só se a senhora presidente se demitir...

Dani – Deve estar a brincar! Isso é chantagem!

Toni – Porquê? A senhora também comprou terrenos agrícolas na nova aldeia? E contava que a atual Câmara os reclassificasse como terrenos para construção...?

Dani – Não lhe admito!

Luísa – Comprometo-me a demitir-me do meu cargo assim que a transferência da aldeia estiver concluída.

Dani – Não vai fazer isso, pois não?

Luísa – Vivi toda a minha vida numa mentira. Todos vocês sabiam. E provavelmente eu também... Chegou o momento de pôr fim a tudo isto.

Uma pausa.

Cris – Sam...?

Sam – Há pouco pensávamos que o culpado deste crime tinha morrido. Agora sabemos que está aqui, entre nós...

Todos os olhares se voltam para o padre.

Dani – Padre...?

Tomás – Abandonarei a minha paróquia... Retirar-me-ei para um mosteiro para expiar os meus pecados. Imploro-vos a todos que me perdoem. Acreditem, há trinta anos que vivo com este peso e continuarei a carregar esta cruz até ao fim dos meus dias. Mas já é um alívio para mim que as pessoas diretamente afetadas conheçam enfim a verdade.

Uma pausa.

Alex – Se me permitirem, mandarei colocar uma placa com o nome dela sobre a laje do panteão. Devemos-lhe isso...

Luísa – Sim, por favor...

Alex – Fá-lo-ei eu mesma amanhã logo pela manhã. Naturalmente, a nossa empresa suportará os custos.

Cris – Um gesto comercial... Era o mínimo que se podia esperar da Funerária Ventura, não...?

Sam – No fim de contas, trata-se apenas de acabar o trabalho...

Alex – Quem o desejar poderá recolher-se por alguns instantes diante da sua campa, antes de ela ficar definitivamente sepultada sob as águas da albufeira.

Manuel – Tratarei de adiar o enchimento da albufeira pelo menos um dia.

Uma pausa.

Luísa – Embora estejamos todos de acordo, proponho que voltemos a votar, para dar a esta decisão um carácter, se não oficial, pelo menos solene...

Dani – Quem é a favor de deixar esta campa onde está? O que implica também, naturalmente, que todos nos comprometamos a nunca revelar a ninguém aquilo que sabemos sobre este triste caso...

Todos levantam a mão.

Luísa – A decisão está tomada. Por unanimidade.

Silêncio.

Alex – Então, desta vez é mesmo o fim.

Cris – Sim... Custa imaginar que, quando nos formos embora, nunca mais ninguém voltará a pisar as ruas de Castelveelho.

Sam – A água cobrirá tudo, até as recordações.

Manuel – Mas esta aldeia submersa continuará habitada pelos fantasmas do passado. Por todos aqueles que aqui viveram durante mais de mil anos.

Sam – Dentro de alguns milhares de anos, uns arqueólogos descobrirão este lugar, como um dia se descobriram a gruta de Altamira ou as ruínas de Pompeia, e perguntar-se-ão o que aconteceu aqui.

Alex – Porque está vazio o cemitério.

Luísa – Salvo uma única campa.

Sam – Mais cedo ou mais tarde, o nosso mundo também desaparecerá. E com ele, a história da Humanidade.

Dani – Carrascos e vítimas. Todos desapareceremos.

Manuel – A recordação dos nossos atos heróicos e a dos nossos crimes. Tudo acabará por se apagar.

Cris – As mentiras e as verdades. E já não restará nada.

Luísa – Nem uma única marca da nossa existência.

Tomás – A menos que a Providência nos envie uma nova arca de Noé.

Sam – Mas será isso realmente desejável...?

Saem. O palco permanece vazio durante alguns instantes.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :*

*<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>*

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-407-8

Documento para download gratuito